Jornal da Madeira 27 de Janeiro de 2018

Nesta entrevista ao JM, a protagonista, que integra há mais de três décadas o

"Somos todos tão

TEATRO

Susana de Figueiredo
susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Alheada [ou talvez não] do seu corpo de mulher franzina, Paula Só veste, em glória, a pele do rei Lear, numa adaptação da conhecida tragédia de William Shakespeare, com encenação a cargo de Bruno Bravo. A peça, que estreou no Teatro Nacional D. Maria II em setembro do ano passado, passou também por Vila Real de Trás-os-Montes, Sardoal e Portimão, e vem agora fazer a despedida à capital madeirense, no Teatro Municipal Baltazar Dias.

Espetáculo encenado por Bruno Bravo estará em cena hoje e amanhã, às 21

Alheada do seu corpo de mulher franzina, Paula Só veste, em glória, a pele do rei Lear, numa adaptação da conhecida tragédia de William Shakespeare, com encenação a cargo de Bruno Bravo. A peça, que estreou no Teatro Nacional D. Maria II em setembro do ano passado, passou também por Vila Real de Trás-os-Montes, Sardoal e Portimão, e vem agora fazer a despedida à capital madeirense, no Teatro Municipal Baltazar Dias.

Sendo interpretada por uma mulher, esta personagem não perde um laivo da sua força ou verosimilhança. "Eu acho que há homens que até podiam ser parecidos comigo... O facto de eu ser assim, pequena, pode dar a este rei um ar mais terrível..." [riso], afirma Paula Só, em entrevista ao JM, no seu camarim, como quem deixa escapulir até à voz um rápido, mas certeiro, pensamento. "Foi realmente um desafio vestir a pele de um homem, de um rei inconscientemente ditador, como todos nós somos, no fundo, a muitos níveis e de muitas maneiras. Nesta trama, não tem de haver género, aliás, a ideia do encenador foi precisamente anular a questão do género, ainda que a masculinidade da personagem venha à tona no próprio texto."

Masculino ou feminino? Rei ou rainha? Pouco ou nada importa. Cabe à história o estatuto de papel primeiro e principal, sendo o texto catapultado para o estatuto de rei de si mesmo. Daí que a atriz não tenha tido qualquer preocupação em trabalhar a masculinidade da sua

FUNCHAL | CMF DCT | DIVISÃO DE CULTURA E TURISMO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E CULTURA | TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS

grupo O Bando, assume que 'Lear' é, "sem dúvida", o papel da sua vida

iguais a este rei"

h00 e às 18h00, respetivamente. Os bilhetes custam 5 euros.

personagem. "Não se pretende, de todo, mostrar que é um homem que ali está. Ele simplesmente aparece. Os textos do Shakespeare têm lá tudo, quase que não é preciso representar."

"LEAR É O PAPEL DA MINHA VIDA"

Atriz experimentada, Paula Só, que integra há mais de trinta anos o grupo de teatro O Bando, diz não ter dúvidas de que Lear é a mais marcante das peles - e não foram poucas - onde até hoje entrou: "Lear é, sem dúvida, o papel da minha vida", diz, mas não nega que a imponência e a complexidade deste texto maior, bem como o facto de ter estado em cena durante um mês no Teatro Nacional, trazem ao de cima medos e fragilidades. "Fazer algo tão visível, numa sala como o Teatro Nacional, fez-me sentir um pouco desprotegida. É uma grande responsabilidade. E depois, tenho pavor de me enganar no texto... há zonas na peça que são, para mim, de alto risco, uma delas situa-se logo no início: tenho muito texto que tem de ser dito com o corpo muito inerte, mas com a carga toda de quem está irado... Corro um risco enorme de me enganar, chego a ter tonturas, porque tenho de estar parada, rígida, e dizer texto, texto, texto... É preciso uma enorme concentração. Em Shakespeare é muito difícil disfarçar o erro, não se pode dizer uma palavra ao lado."

Numa dessas zonas de risco, conta que já lhe aconteceu ter uma 'branca'; uma vez no ensaio geral e outra no espetáculo. "Um colega, que interpreta o Kent, salvou-me ao sussurar-me a palavra baixinho [riso]", recorda.

"Foi realmente um desafio vestir a pele de um homem, de um rei inconscientemente ditador, como todos nós somos, no fundo, a muitos níveis e de muitas maneiras."

REI COMO NÓS

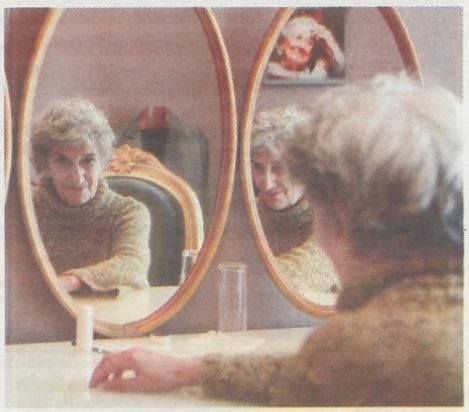
Em cena, o Lear de Só vai 'dançando' cego até à loucura, num cenário esculpido de um rochedo e de um corpo de cavalo, que cria uma atmosfera de propositada rudeza. Homem dicotómico, tão soberano quanto submisso, à mercê de manipulações e verdades foscas, quando tem de repartir o reinado pelas três filhas, o monarca, que ama, esconde dentro de si um medo incomensurável de não ser amado e respeitado. Quem não tem? "Somos todos tão iguais a Lear... É incrível como ele é tão surpreendido pela própria vida. Um homem que, à partida, era suposto saber muito mais, é afinal tão ingénuo. Mas olhamos para a realidade atual, e vemos um espelho deste rei."

Também nós padecemos dessa ingenuidade, dessa cegueira? A atriz está convencida que sim, e acredita que a única forma de anular tal escuridão é não perdendo o fio à vida. "Estragamos tanto a nossa vida, por sermos tão ceguinhos. Temos de estar muito atentos a tudo, ao que sentimos, ao porquê do que sentimos e ao que os outros sentem. O teatro, como qualquer arte, mas de uma forma mais direta o teatro, pode ajudar-nos a abrir os olhos. Espero que esta peça cumpra também este desígnio junto do público."

Com música de Sérgio Delgado, tradução de João Paulo Esteves da Silva e cenários de Stéphane Alberto, a peça, uma coprodução da Primeiros Sintomas e do Teatro Nacional D. Maria II, conta ainda com a participação de Ana Brandão, António Mortágua, Carla Galvão, Carolina Salles, Joana Campos, João Pedro Dantas, José Redondo e Miguel Sopas.

A partir de um texto que tem tanto de completo como de complexo, cujas possibilidades são infinitas [assim é Shakespeare], Bruno Bravo fez a sua leitura e opções. Paula Só não lhe poupa elogios e vinca-lhe a genialidade. "Não se pôs em cena a peça toda, que é enorme, no entanto, o Bruno encontrou uma forma absolutamente inteligente de condensá-la. Conseguiu que ficasse tudo dito, está lá tudo, não se perde nada."

Recorde-se que 'Lear' foi protagonizada por Ruy de Carvalho em 1998, tendo sido inicialmente pensada para a atriz Eunice Muñoz, que chegou a fazer as primeiras leituras, mas problemas de saúde não lhe permitiram prosseguir.

O espetáculo despede-se dos palcos este domingo, no Funchal, na mesma sala onde já havia estado em cena, no ano passado.

Os bilhetes custam 5 euros e estão disponíveis na bilheteira do Teatro Municipal Baltazar Dias. JM